

# O Militante

GES  
PCP

BOLETIM DO COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

## *Reforcemos o controle de execução para melhorar o trabalho do Partido*

**Existem deficiências no controle de execução?**  
**Existem!**

Verificam-se casos em que se estabelece uma orientação, em que se tomam resoluções e se dão palavras de ordem que depois não são levadas à prática, ficando «esquecidas» nos papéis. Noutros casos verifica-se que a orientação do Partido não é levada por diante com êxito, que encontra dificuldades na sua reali-

zação, que há palavras de ordem que não são seguidas pelas massas e que não se faz em seguida um estudo atento para ver quais são as causas que impedem a sua materialização, se são de facto dificuldades de justeza de orientação ou se são efectivamente deficiências de organização e do trabalho de direcção. Isso sucede porque existe um deficiente controle de execução.

### A IMPORTÂNCIA DO CONTROLE DE EXECUÇÃO

Reforçar o controle de execução é uma tarefa de particular importância que se coloca a todos os organismos e a todos os militantes do Partido, como um método de trabalho, para elevar o nível de direcção política.

A essência do controle de execução consiste, exactamente, em que ele assegura o cumprimento das resoluções e palavras de ordem do Partido, tanto à escala de sector como à escala nacional, e é ao mesmo tempo um método de verificação quanto à justeza e acerto da orientação e das resoluções estabelecidas.

O controle de execução permite aos controladores e aos organismos superiores conhecerem de uma forma viva como os militantes e as organizações de base cumprem as resoluções e as palavras de ordem do Partido, como as põem em prática junto das massas, que dificuldades encontram e que ajuda política precisam, o que está errado neste ou naquele aspecto da orientação e das palavras de ordem dadas; permite conhecer melhor as qualidades e os defeitos dos quadros na base do seu trabalho concreto; permite conhecer os verdadeiros activistas, os quadros de massas, dedicados ao Partido, firmes e modestos; ajuda e educa os quadros controladores a não transmitirem, mecânicamente, para a base, a orientação do Partido, mas a saberem analisar cada situação particular e aplicarem, de acordo com ela, a orientação estabelecida.

O controle de execução educa os quadros a não se limitarem a tomar conhecimento formal

da orientação e das resoluções do Partido, mas a saberem organizar a sua aplicação prática junto das organizações e das massas e lutar activamente pelo seu cumprimento completo; ajuda os organismos superiores do Partido a conhecer mais de perto as dificuldades reais dos quadros, a ter um conhecimento mais profundo de cada situação e a poder, assim, ajudar melhor, todo o trabalho do Partido.

O controle de execução é uma arma de luta contra o rotineirismo, o burocratismo e subjectivismo no trabalho do Partido, porque eleva a noção de responsabilidade e o espírito de iniciativa dos quadros, fomenta a crítica e auto-crítica construtivas dentro dos organismos, porque imprime, na actividade dos quadros, um estilo de trabalho vivo e ligado às massas.

O controle de execução reforça a defesa do Partido, porque educa os quadros a cumprir e fazer cumprir, no espírito da disciplina partidária, as regras conspirativas, educa-os no espírito do centralismo democrático, aguçá neles o espírito da vigilância revolucionária, a noção da defesa.

O controle de execução reforça a ligação do Partido com as massas porque educa os quadros a defender abnegadamente os interesses das massas trabalhadoras, a «trabalhar ali onde estão as massas», porque educa os quadros a lutar firmemente pelo cumprimento da orientação do Partido junto das massas, a saber a ter em conta a sua experiência e consciência, a saber «ensinar as massas e aprender com elas».



O controle de execução reforça o trabalho de organização do Partido porque educa os quadros no espírito do trabalho colectivo e combate o trabalho individual, ajuda a estruturar e a dar vida política às organizações, fomenta a discussão viva das resoluções do Partido e ajuda a determinar quais as tarefas fundamentais que se colocam, cuja resolução exige a concentração dos principais esforços.

O controle de execução não é uma abstracção. Ele é um princípio marxista-leninista da ciência e da arte da direcção política dos partidos comunistas. Ele é um instrumento inseparável do trabalho de organização e de direcção dos partidos comunistas e operários.

Pode um membro do Partido saber caracterizar correctamente uma situação dada e saber expor bem, teoricamente, a orientação e as palavras de ordem. Porém, isso só não basta, se ele não sabe encontrar as formas e os meios para pôr em prática a orientação e as palavras de ordem do Partido, se não sabe encontrar os meios para o seu cumprimento completo.

Pode um membro do Partido saber falar muito bem da situação difícil das massas, de que é preciso organizá-las. Porém, isso só não

basta, se ele não sabe transformar as resoluções e as palavras de ordem do Partido em bandeiras das próprias massas e organizá-las para a luta decidida pelo seu cumprimento.

Trabalhem, pois, para que todos os militantes tomem as resoluções e as consignas do Partido, não como teses mortas, mas como resoluções e consignas vivas, para serem levadas à prática junto das organizações e junto das massas. No Informe de Organização ao IV Congresso (2.º Cong. Ilegal) em 1946, apresentado pelo camarada Alvaro Cunhal, sublinha-se com muita justeza: «Resolução tomada deve ser resolução cumprida. Direcção dada deve ser direcção levada à prática». Este princípio leninista de trabalho deve orientar a actividade de todos os membros do Partido.

Reforcemos o trabalho colectivo, melhoremos o trabalho de organização e de direcção, estructuremos e demos vida política às organizações, liguemos mais o Partido às massas, eliminemos o rotineirismo e o burocratismo, elevemos o nível político e ideológico dos militantes, facilitemos o controle aos organismos superiores do Partido e assim reforçaremos o controle de execução no trabalho do Partido.

## Os jovens comunistas e a guerra colonial

(continuação da pág. 8)

sem do exército para não irem para a guerra colonial, isso corresponderia a uma depuração das tropas mobilizadas e, portanto, à existência de unidades (regimentos, companhias, etc.) inteiramente obedientes às ordens dos comandos e oficiais fascistas; significa ter abandonado a massa dos soldados mobilizados à influência do fascismo. Longe de criar uma dificuldade à política colonialista de Salazar, a deserção individual dos comunistas só a favoreceria.

Desertando sozinho para não fazer a guerra colonial, o jovem comunista não tomaria a atitude mais combativa e mais viril, não lutaria contra a guerra da maneira mais eficiente e com resultados objectivamente mais favoráveis aos povos coloniais. Na verdade, onde melhor poderemos lutar contra a guerra é lá onde ela se faz e junto daqueles que a fazem e junto dos milhares de jovens soldados que nessa guerra estão envolvidos. É aí, dentro dos quartéis, nos momentos de embarque e no próprio campo de batalha, que os comunistas e todos os jovens progressivos podem mobilizar os soldados para acções e atitudes objectivamente contra a guerra e neutralizar a influência e as ordens dos comandos e oficiais fascistas. Podem agir de modo que, onde as tropas fascistas poderiam obter uma vitória, tenham uma derrota. Podem fazer compreender a muitos soldados e oficiais milicianos que a guerra colonial é injusta, criminosa e contrária aos interesses do povo por-

tuê. Podem organizar deserções colectivas com valor político. Podem levar os soldados a atitudes de protesto contra a roubalheira dos oficiais e pela reclamação de melhor tratamento, contra os crimes de genocídio, etc..

Sem dúvida que esta atitude e esta acção não são as mais simples nem as menos arriscadas. Mas são as mais revolucionárias e até as que melhor servem os interesses do povo português e dos povos coloniais. Isto quer dizer que nenhum jovem comunista deve pensar que se luta contra a guerra colonial, desertando. Salvo casos especiais (que só o Partido está em condições de saber quais são) o comunista que deserta isoladamente ou sai do país para não prestar serviço militar, não faz contra a guerra nem 10 por cento do que poderá fazer, mantendo-se junto da massa dos soldados.

Não é de comunista, por exemplo, desertar por simples medo de arriscar a vida e preterir que esse gesto seja considerado pelos outros como o acto mais revolucionário do comunista mais consequente. Todos os membros do Partido devem perguntar qual é a forma de actuar dentro da linha do Partido, relativamente ao problema da deserção. Interesse, pois, que os nossos camaradas não considerem a deserção individual dos comunistas como um acto heróico ou de acordo com a linha do Partido. Se neste ponto alguma confusão se tem verificado, é de todo o interesse que essa confusão desapareça.

Pensamos ainda que todos os membros do Partido, especialmente os jovens, devem discutir esses problemas nos seus organismos e não tomarem decisões discordantes da linha do Partido e contrárias aos interesses dos povos que lutam pela sua liberdade e contra o nosso inimigo comum. Lutar contra a guerra colonial não é deixar as mãos ainda mais livres aos que fazem esta guerra. Quem quer matar o leão deve procurá-lo no seu próprio covil.

# MELHOREMOS O ESPÍRITO CRÍTICO

## E AUTO-CRÍTICO EM TODO O PARTIDO

### Ajudemos os quadros a vencer as suas dificuldades

Os quadros decidem tudo, temo-lo afirmado muitas vezes, mas nem sempre as nossas atitudes estão de acordo com esta realidade. Esquecemo-nos com frequência que é no Partido que os quadros têm de ser forjados, que o mal maior não é que eles tenham dificuldades, mas que o Partido não seja capaz de os ajudar a vencê-las.

Se em todos os tempos conhecer e ajudar os quadros, forjar verdadeiros combatentes de vanguarda, se apresentou como uma necessidade vital, na situação actual esta necessidade é ainda maior, e isto decorre do facto da crise que mina o regime, nos colocar perante tarefas cada vez mais complexas e responsáveis.

#### Como ajudar os quadros?

A perda temporária de muitos dos melhores e mais experimentados quadros do Partido veio tornar numa verdadeira exigência a necessidade de ajudar um número de quadros a vencer rapidamente as suas dificuldades. Pois não é verdade que temos hoje constituídos organismos muito responsáveis do Partido com camaradas que, além de imensas dificuldades políticas, organizativas e outras, lhes falta a rotação necessária para lhes dar uma experiência que ainda não têm? Assim é na verdade. E, no entanto, a ajuda que recebem do Partido nem sempre está de acordo com esta realidade.

Quando um camarada dizia, não há muito, ao ser criticado por ter cometido determinada falta, que melhor seria que o Partido em vez de criticar, ajudasse os quadros a não cometerem as faltas que dão origem à crítica, dizia uma grande verdade, ainda que, evidentemente, se não possam imaginar quadros que não cometam quaisquer faltas, por maior que seja a ajuda que se lhes venha a dar. Mas, o que fica fora de dúvida é que grande número de faltas

se podiam evitar se a ajuda aos quadros constituísse uma preocupação geral no Partido e se para alguns camaradas, ajudar os quadros não constituísse quase somente em criticar, quantas vezes da pior maneira e no pior momento, as faltas de outros camaradas.

Ajudar os quadros, ser justo para com eles, exige antes de tudo conhecê-los, compreender e ajudar a vencer as suas dificuldades e defeitos, mas saber também valorizar as suas qualidades e virtudes. Naturalmente que não há nenhuma medida ou receita pré-estabelecidas que possam ser aplicadas na ajuda a todos os quadros, por isso mesmo é que importa que os camaradas dos organismos mais responsáveis se esforcem por conhecer melhor os quadros sob o seu controle, pois que, sem esse conhecimento, é praticamente impossível dar a cada um a ajuda que necessita. Além disso, é necessário tudo fazer para que a crítica desempenhe o seu verdadeiro papel educador e de ajuda e se não transforme nunca num factor de flagelação e até de destruição de quadros.

#### Nem autoritarismo nem transigência

As atitudes autoritárias, tal como as posições de transigência perante as faltas cometidas, são de igual modo prejudiciais aos quadros e ao Partido.

Há camaradas que frente às objecções de outros camaradas, raramente cuidam de saber qual o grau de justeza dessas objecções, a sua atitude é quase sempre a mesma; servirem-se da autoridade que lhes vem de pertencerem a organismos superiores para se imporem e fazerem prevalecer os seus pontos de vista. Co-

mo é de calcular, um tal procedimento é profundamente nocivo para os quadros. Ao contrário do que por vezes parece pensar-se, o autoritarismo nunca serviu nem servirá para reforçar a autoridade. A autoridade, quer de camaradas isoladamente, quer de organismos, ganha-se pelo acerto das decisões, pela capacidade de resolver os problemas do Partido, pela modéstia e reconhecimento dos erros próprios. Lamentavelmente há camaradas que receiam diminuir-se

reconhecendo os seus erros e dificuldades, outros tomam em geral perante a crítica uma posição altaneira e de superioridade, e por isso, uns e outros são capazes de tomar as atitudes mais estranhas e autoritárias perante os camaradas e organismos que controlam ou por quem são controlados. Uma vez fingem esquecer que se deu esta ou aquela directriz errada, outras vezes atribui-se aos outros responsabilidades próprias ou entra-se em verdadeiros labirintos de justificações e posições autoritárias que apenas conduzem à desautorização quando não ao ridículo.

Como é evidente, isto acontece mais frequentemente com aqueles camaradas que pensam ter acumulado uma tal bagagem de experiência e sabedoria que lhes permite dispensar as opiniões e ajuda dos outros. Precisamente por isto há camaradas que quase sistematicamente recebem mal a crítica e em vez de se esforçarem para sacar dela tudo o que os possa ajudar, ficam por vezes a pensar e nem sempre da maneira mais respeitosa, que os outros são «manietos» e «miudinhos». Outros fazem auto-críticas absolutamente formais, mas uns e outros, com regularidade impressionante, continuam a cometer os mesmos erros, pondo em causa a sua segurança, a segurança de outros camaradas e obviamente o trabalho do Partido que lhe está confiado.

Há também camaradas que com toda a facilidade separam a crítica da auto-crítica e parece pensarem que uma coisa nada tem a ver com a outra. Esta forma unilateral de encarar tão importante questão leva a desenvolverem-se tendências criticistas que, naturalmente, nada têm que ver com um sã espírito crítico e auto-crítico que é necessário desenvolver no Partido.

O autoritarismo e as atitudes presunçosas que estão na raiz de todas estas deficiências, conduzem, além disso, a recalcamentos pessoais, a exaltações, a atitudes grosseiras e até violentas para com os quadros mais modestos. Lamentavelmente há ainda camaradas que sendo capazes de reagir correctamente às manifestações de autoritarismo quando elas vêm

de camaradas mais responsáveis, tomam eles próprios com frequência atitudes autoritárias e exaltadas perante os camaradas por si controlados. Vê-se assim, que há uma forte batalha a travar contra o autoritarismo e as manifestações de auto-suficiência que são ainda muitos fortes no Partido.

O reverso da medalha do autoritarismo, é a transigência perante as faltas cometidas, a falta de firmeza na defesa dos princípios estabelecidos pelo Partido. Há camaradas que por um falso conceito revolucionário e até de amizade pessoal, tudo pretendem resolver sem levantar questões, sem «fazer ondas», como costuma dizer-se. Cometem-se faltas conspirativas para as quais não há um espírito crítico nem auto-crítico e há camaradas que nem nos seus próprios organismos se sentem encorajados a fazer os reparos e críticas a outros quadros. Ora, verdade seja, que quando um quadro assim procede, ele revela nada perceber do papel educador da crítica e auto-crítica. Não criticar uma falta grave é abrir caminho para o cometimento de outras faltas ainda mais graves, é destruir a disciplina do Partido e contribuir para deseducar os quadros e afrouxar a vigilância revolucionária.

Há exemplos de camaradas que por serem velhos amigos, e nisto não há qualquer mal, antes pelo contrário, é certo e sabido que, sempre que se encontram para realizar tarefas do Partido cometem faltas conspirativas; prolongam os seus encontros para além do necessário, deixam perceber aspectos de trabalho e tarefas que tinham obrigação de resguardar, etc. Há outros camaradas que em vez de criticarem severamente os liberais nas conversas doutros camaradas, estão constantemente à espera de catar elementos que lhes permitam saber quem é este ou aquele camarada que não conhecem ou quais as tarefas que têm. Estas e outras irregularidades estão profundamente ligadas a um fraquíssimo espírito crítico e auto-crítico, a concepções pequeno-burguesas nas relações entre camaradas e revelam grave amolecimento na vigilância revolucionária que há que combater com toda a energia.

### A compartimentação do trabalho e a crítica a camaradas de organismos superiores

A necessidade de melhorar a defesa do Partido tem-nos obrigado a reforçar a compartimentação de trabalho, procurando-se que cada camarada não conheça realmente senão aquilo que é absolutamente necessário para a realização das suas tarefas. Contudo, esta medida justíssima e indispensável, tem originado em alguns casos certas limitações na crítica que é preciso eliminar sem demora.

Como é sabido, caiu em Dezembro último nas mãos da matilha policial o camarada Ro-

gério de Carvalho. Não estão ainda apuradas todas as causas que, para além de qualquer denúncia, podiam ter contribuído para a sua prisão e nem é isso que nos propomos agora abordar. Aquilo que para já pretendemos chamar a atenção é a maneira defeituosa como a crítica é exercida ou, o que ainda é pior, o facto dela não o ser, mesmo quando graves faltas conspirativas estão à vista.

Após a prisão do camarada Rogério, chegaram ao conhecimento dos organismos superio-

res algumas dessas faltas que podem ou poderiam estar na raiz da sua prisão. Entretanto, elas têm conhecidas de outros camaradas que embora vendo os perigos, não sentiram nem o dever nem o direito de as criticar. Evidentemente que procedendo-se assim se fazem avolumar, desnecessariamente, os perigos sobre o Partido e despreza-se um direito estatuído. É já quase tradicional só chegarem ao conhecimento dos organismos superiores as faltas que os quadros cometem, depois de eles serem presos, e isto nem sempre acontece por razões de compartimentação, mas também pela falsa ideia que alguns militantes têm que os camaradas de «cima» sabem o que fazem e só o facto de

pertencermos a um organismo superior os põe ao abrigo da crítica. Ora, nem a compartimentação de tarefas, nem o facto de qualquer camarada pertencer a um organismo superior podem justificar a ausência da crítica perante as faltas conspirativas e outras. Proceder assim é pactuar com a indisciplina, é abrir as portas ao inimigo, é contrariar o princípio há muito estabelecido que exige que a crítica se exerça não apenas do topo para a base mas também da base para o topo. Precisamos de acabar de vez com a ideia que existem no Partido quadros que podem dispensar a crítica ou a ajuda de outros quadros.

### Os estatutos devem estar na base duma justa política de ajuda aos quadros

A aprovação pelo VI Congresso dos Estatutos do Partido, veio dar a todos os militantes uma poderosa arma que, convenientemente manejada, poderá contribuir decisivamente para melhorar toda a actividade partidária e elevar o espírito crítico e auto-crítico em todo o Partido.

Os Estatutos são a lei do Partido, neles estão claramente definidos os direitos e deveres dos militantes. Zelar para que esses deveres e direitos sejam escrupulosamente cumpridos e respeitados constitui uma tarefa de cada militante e de cada organismo do Partido. O direito de intervir e criticar livremente todo e qualquer camarada nos organismos a que se pertence, tratar através destes todas as questões que se considere de importância para o Partido, são entre outros, direitos que nenhum membro do Partido deve deixar de exercer. Se cada camarada se habituar a usar não apenas os seus direitos, mas a respeitar os direitos dos outros, dar-se-á um importante passo em frente na melhoria de todo o trabalho do Partido. Naturalmente que para atingir este objec-

tivo não basta fazer respeitar direitos, mas cumprir deveres. Efectivamente, se se não luta abnegadamente para aplicar a linha política do Partido, para defender a sua unidade; para ligar mais e mais o Partido às massas; para recrutar novos militantes para o Partido; para elevar o seu nível político e ideológico; para cumprir escrupulosamente a disciplina do Partido; numa palavra, se se não cumprem os deveres que a cada um incumbe, não se fica em condições de exigir o respeito pelos direitos que a cada um são devidos. Na verdade não há maneira válida de criticar uma falta, seja ela disciplinar, conspirativa, moral ou qualquer outra, se se cometem faltas idênticas. Daqui o concluir-se que para elevar o espírito crítico em todo o Partido é preciso que cada camarada imponha a si próprio uma auto-disciplina, saiba corrigir em si todas as manifestações de auto-suficiência, de indisciplina, de autoritarismo, de transigência, etc.. Só fazendo-o se sentirá moralizado para criticar outros camaradas e dar uma positiva contribuição para a melhoria e desenvolvimento de todo o trabalho do Partido.

## A célula de empresa

A célula de empresa é, como muitas vezes se tem dito, o elo de ligação do Partido à classe operária.

Quando o Partido tem as suas células formadas, estruturadas e activas nas fábricas e empresas, nos estaleiros e portos, nos barcos, nas minas, etc., o Partido é forte e mais facilmente pode cumprir o seu papel de vanguarda nas lutas do proletariado português. Quando ao Partido falta a organização nesses meios, ele é mais fraco e não pode devidamente cumprir a sua missão, isto é, ele não pode conduzir a classe operária ao combate pelas suas reivindicações

económicas e sociais, não pode desenvolver as lutas políticas contra o fascismo. E, não o fazendo, não poderá conduzir a classe operária e o povo ao derrubamento da ditadura fascista, à conquista da democracia e do socialismo.

A importância das células de empresa ficará mais viva se nos dermos conta da imensidade das tarefas que a elas incumbe, sendo sem dúvida a mais imediata de todas, mobilizar as massas para a luta por aumento de salários e vencimentos.

(Extractos do Informe de Organização ao VI Congresso do P.C.P.)

## A PROPOSITO DA REPRESSÃO NA UNIVERSIDADE E DO COMPORTAMENTO NA POLÍCIA

Determinado camarada fez chegar ao Partido a interrogação seguinte, formulada por militantes da juventude estudantil: «Valerá a pena sofrer um ou dois anos de prisão e as torturas dos interrogatórios sem ter feito nada, ou, o que é o mesmo, meia dúzia de reuniões, recebido uns «Avantes» e metido uns papéis na caixa do correio?».

Têm certa divulgação interrogações deste

### VALERÁ A PENA ?...

Vejamos o primeiro aspecto.

Valerá a pena, a mim, suportar tais privações e torturas e portar-me como um revolucionário? «Ora um comunista interroga-se doutro modo: «Valerá a pena» ao meu partido, «Valerá a pena» ao meu povo, «Valerá a pena» à revolução, «Valerá a pena» à minha dignidade, que eu comunista, não denuncie os meus camaradas, não forneça dados à polícia? Mesmo no caso de estar convencido de que polícia «já sabe tudo», «Valerá a pena» defender o prestígio do meu Partido, provar que os comunistas não falam na polícia? «Valerá a pena» dar confiança às massas no partido do proletariado, na idoneidade e coragem dos seus membros?

Os camaradas estudantes têm no seu próprio sector um exemplo que fala por si sobre esta questão e que é oportuno evidenciar.

Comparemos a situação criada pela prisão do nosso camarada José Bernardino em 1962 quando controlava esse sector com a situação criada pela miserável traição de N. A. Pereira em fins de 1964.

No primeiro caso, com a prisão do camarada José Bernardino, o Partido ficou prejudicado com o seu afastamento temporário dessa frente de luta, mas a organização partidária ficou intacta e os estudantes puderam prosseguir, com o Partido a orientá-los, nas suas importantes lutas. Sucedeu assim porque aquele camarada seguiu o exemplo dos revolucionários do nosso Partido, portou-se como um comunista que é, soube suportar todas as torturas sem vacilar.

No segundo caso, a capitulação perante o inimigo lançou dezenas de camaradas na prisão, que tiveram de sofrer todos os vexames e torturas a que o traidor cobardemente se furtou; organizações do Partido, ainda que momentaneamente, são destruídas e por um certo período as lutas dos estudantes são seriamente prejudicadas.

No primeiro caso, o comportamento comunista do nosso camarada aumenta o prestígio do nosso Partido entre as massas, especial-

mente as estudantes a que estava ligado. O seu exemplo amplamente divulgado, é bastante apreciado pelas vastas camadas de estudantes e ele é justamente identificado com o P.C., no qual a confiança daquelas aumenta. A atracção do Partido é maior, os recrutamentos mais fáceis, as palavras de ordem seguidas com mais entusiasmo.

Analisemos os dois aspectos seguintes que tais interrogações comportam: a posição individualista isolada do Partido e do povo ao enfrentar o inimigo; a incompreensão da participação nas lutas grandiosas dos estudantes, dos últimos anos, a incompreensão do valor destas.

Consideremos agora o segundo aspecto, ou seja, o da incompreensão do valor da participação individual nas lutas estudantis e do valor destas lutas.

Entre os militantes, há os que estiveram em células vivas e ligadas às massas e os que estiveram mais à margem da luta, mas é preciso compreender que, em qualquer caso, uma acção que tomada isoladamente pode parecer «nada» foi uma das muitas acções, sem as quais as lutas dos estudantes não teriam existido, foi uma entre muitos milhares de outras acções, sem as quais não haveria a luta do nosso Povo.

Será bom que nos interroguemos: por quê tanta fúria da polícia na repressão? Por quê uma luta continua de tantos anos contra os estudantes e as suas associações? Uma luta na qual estão empenhados o ministério da Educação, Senados, reitores, Pide, PSP, P.J., órgãos de informação, onde não faltam a acção de grupos terroristas mais ou menos ligados à Pide, e a colaboração do Ministério do Exército? Uma luta que tem levado a demissão a ministros e reitores, à expulsão de professores, ao encerramento de Associações, à expulsão de muitas dezenas de estudantes e à sua prisão em massa, tendo atingido duma só vez o número de 1.500? Por quê torturas a tal ponto selváticas que têm levado à beira da loucura e do assassinio? Por quê afinal tanta sanha?

Por quê os estudantes portugueses com os estudantes comunistas na vanguarda, mantêm aberta uma frente de luta do nosso povo contra o fascismo, pela revolução democrática e nacional e pelo socialismo. Porque os estudantes actuando legalmente nas suas associações, em organizações semi-legais tais como a RIA, comissões inter-associações, comissões de

greve, comissões de apoio aos estudantes presos, etc; em organizações ilegais tais como o PC e as JAP têm sido um baluarte da luta pela liberdade e pela democracia. Porque os estudantes sob a direcção do PC têm lutado corajosamente pelos mais sentidos interesses estudantis, pedagógicos, culturais ou sociais; têm sido uma força renovadora dentro das nossas instituições educacionais arejando com a sua juventude, idealismo e determinação o ensino

escolástico e caduco; têm lutado com ardor contra o « paternalismo », contra a arbitrariedade, contra a prepotência na escola.

Tem, pois, muita importância que um militante, ante a perspectiva de prisão, não esqueça que foi um participante e por via de regra, dos mais activos, destes sucessos; tem muita importância que nesses momentos não descubra « que não fez nada » para tentar justificar um comportamento indigno frente ao inimigo.

## O PAPEL DE VANGUARDA

A vanguarda dos estudantes portugueses, adaptando as várias formas de luta às exigências da situação, seguindo as palavras de ordem do Partido, apesar de todas as deficiências, incapacidades ou erros, conseguiu nos últimos anos elevar dum modo decisivo a consciência política na Universidade e outras escolas, conseguiu desmascarar o Estado fascista a muitos milhares de jovens, até aí enganados com a verdadeira face da ditadura ou simplesmente afastados da cena política.

As principais lutas dos estudantes portugueses têm tido também uma projecção internacional importante.

As lutas estudantis ao elevarem a consciência política dos estudantes ao longo de tantos

anos têm conduzido à incorporação de milhares de jovens em lutas mais gerais do nosso povo, tais como manifestações do 1.º de Maio e outras, incluindo as levadas a cabo nos períodos das « eleições » fascistas.

As lutas estudantis têm sido a primeira escola de luta de muitos democratas destacados e de não poucos militantes do nosso Partido.

Não pode um militante comunista duvidar da importância das lutas dos estudantes nem tão pouco do papel de vanguarda dos estudantes comunistas. É muito importante que cada um compreenda que a sua acção é de facto minúscula quando comparada com o todo, mas é essencial para que este exista. É por compreender isso que a polícia reprime com brutalidade e rancor.

## QUANDO AS PROBABILIDADES DE PRISÃO SE ADENSAM...

É necessário ter isso presente, quando as probabilidades de prisão se adensam e saber que por detrás de um militante comunista, estão todas estas acções grandiosas, que nele estão postos os olhos e as esperanças de todos quantos vêm num comunista um patriota corajoso e digno. É preciso que não se sinta isolado, esquecido, só, nas garras de um bando de criminosos; deve saber que com ele está todo o Partido, que segue com ansiedade os seus sofrimentos, que o tenta ajudar. É importante reconhecer que não é um revolucionário derrotado, perdido, e que só o será se sucumbir aos esforços desesperados que a polícia desenvolve para alcançar tal objectivo. É preciso encarar a prisão como um episódio, absoluta-

mente previsível e transitório na vida de um revolucionário; o seu comportamento nos interrogatórios, como uma acção que tem consequências imediatas no prestígio do Partido e no ânimo das massas que nele têm os olhos postos.

A prisão e as torturas policiais são a prova mais dura que um militante comunista tem de enfrentar. É necessário não descurar uma preparação constante e ter a certeza de que a uma vontade decidida, nada, absolutamente nada, faz faltar.

Um comunista, qualquer que seja a sua origem de classe, não pode trair a confiança que o Partido, a classe operária e o seu povo nele depositam.

## Fortalecer o Partido

Fortalecer o Partido, significa alargar a sua organização a novas empresas, localidades e centros do proletariado rural, quartéis, escolas, etc. Fortalecer o Partido, significa organizar, desencadear e dirigir novas e mais potentes acções contra o regime fascista, pela melhoria das condições de vida das massas trabalhadoras, contra a guerra colonial, etc. Fortalecer o Partido, significa reforçar a vigilância revolucionária barrando o caminho à provoca-

ção e à traição. Fortalecer o Partido, significa reforçar a disciplina e a aplicação dos princípios do centralismo democrático, reforçar a unidade de todo o Partido em volta do C.C. Fortalecer o Partido, significa criar condições para percorrer o caminho mais curto e seguro que leve a bom termo a revolução democrática e nacional.

(Extractos do Informe de Organização ao VI Congresso)

## CRÍTICA DE LÉNINE AO TERRORISMO COMO «EXCITANTE»

A impaciência ante as dificuldades da luta revolucionária, a descrença na acção popular, a sublimação do trabalho de organização, a superficial apreciação das manifestações de descontentamento das massas, estão na base das concepções das «acções directas» e terroristas, que nos últimos anos, particularmente em 1962-64, se manifestaram no movimento anti-fascista português e no nosso próprio Partido.

Procuravam alguns substituir o trabalho de massas, o desenvolvimento da luta de massas, por acções terroristas, que provocassem agitação e sensação.

Na passagem a seguir transcrito, Lénine, numa interessante imagem, mostra que para se destruir a autocepacia (que compara a uma imensa e densa floresta, escura e húmida) é necessário conduzir com persistência o difícil trabalho de desenvolver a luta popular de massas, «único produto inflamável, fundamental, único indiscutivelmente seguro». Actos terroristas («luzes vacilantes», «fogos que atemorizam as forças obscuras e produzem sensação, agitação, encorajamento e excitação») prejudicam de facto o desenvolvimento da luta revolucionária. Os defensores do terrorismo, dizia Lénine, nem sequer são impostores: são «apenas» pirotécnicos.

«Vou tentar explicar a minha opinião com um exemplo. Imaginem que estamos numa imensa e densa floresta, semi-virgem, escura e húmida. Imaginem que só quimando esta floresta será possível criar condições para o cultivo da área por ela ocupada ou cercada e que é extremamente difícil obter lume e mantê-lo na floresta. É necessário seccar os troncos que por todo lado há em abundância, mas que ardem com dificuldade, extinguindo-se fácil e repentinamente o fogo, na atmosfera pesada e húmida. É necessário manter o fogo (combustão), protegê-lo, alimentar todos os fogachos, deixar a chama crescer, preparar obstinadamente e sistematicamente o incêndio total, sem o que a húmida floresta não deixará de ser uma floresta. Contudo este trabalho é muito difícil, não sómente devido às condições externas, atmosféricas, mas também devido à acentuada escassez do único produto conveniente que possa arder, que não cesse de arder, sejam quais forem as circunstâncias, que se incendeie de facto e que arda

ininterruptamente com uma chama firme, distinta das numerosas luzes vacilantes que carecem de força intrínseca e que no passado tão frequentemente brilharam para se extinguirem após um curto período de duração. E agora, quando este produto inflamável, fundamental, começou a arder de forma a provocar uma subida geral de temperatura e proporcionando assim força e brilho a uma quantidade de outras pequenas chamas trémulas, aparecem de repente pessoas que declaram com um ar presunçoso: Que estreiteza de espírito acreditar no antiquado dogma do único produto inflamável, fundamental, o único indiscutivelmente seguro. Como é estereotipado considerar todos os outros pequenos fogos, meramente como subprodutos, como elementos auxiliares e pensar que é absolutamente necessário unir, em primeiro lugar e a todo o preço, a maior parte deles a este produto «único»! Que facciosismo continuar interminavelmente a preparar, preparar e preparar o verdadeiro incêndio total e permitir àqueles afrontosos patifes, os topos das árvores, que abriguem e mantenham a humidade e a obscuridade. O que devia ser feito era atear fogos que fizessem baixar os topos das árvores, os chamuscassem, atemorizassem todos as forças obscuras e produzissem sensação, agitação, encorajamento e excitação. E estas pessoas rapidamente, metem mãos à obra. Com um suspiro de alívio deitam pela borda fora os antiquados preconceitos sobre o produto inflamável fundamental. Com a consciência tranquila aceitam nas suas fileiras todo e qualquer um, sem se informarem dos seus pontos de vista e opiniões, convicções e aspirações: somos um partido de acção e é-nos indiferente mesmo que um de nós adopte argumentos que levem à extinção do fogo. Apellem ousadamente para uma atitude indiscriminada face a toda a espécie de pequenas chamas e ao atear da fogos, pondo de lado com desprezo as lições do passado: agora, dizem eles, há uma quantidade muito maior de produto inflamável e por conseguinte é admissível uma total ligeireza de espírito. E assim, apesar dos danos que pessoas desta espécie causam ao movimento, pode pensar-se que são meros impostores? Nada disso! Impostores não são de forma nenhuma, mas apenas pirotécnicos!»

(LENINE, Obras Completas, edição inglesa, vol. V pags. 274 e 275)

## OS JOVENS COMUNISTAS E A GUERRA COLONIAL

Os problemas colocados pela guerra colonial à nossa juventude são de natureza vária, mas de fundo comum. É a guerra de África um motivo patriótico pelo qual a nossa juventude deve dar a sua vida? Estão as fronteiras nacionais ameaçadas? Não pode Portugal sobreviver com a perda das colónias?

A estas e outras inquietações, que a propaganda fascista procura criar, a reacção comum dos jovens é definida pela sua hostilidade à guerra colonial.

«A resistência da juventude a participar na guerra — escreve Alexandre Castanheira no relatório à reunião do C.C. de Janeiro de 1965 — apresenta-se, portanto, desde o período da incorporação, por vezes mesmo do da inspecção militar, à luz do dia».

«Uma das formas de luta — diz o camarada Castanheira noutro passo do seu informe — são precisamente as deserções. Portanto, o dever das organizações e membros do Partido

é de aconselhar, pela agitação do Partido e em conversas individuais, os soldados e oficiais a desertar e sempre que possível, organizar deserções colectivas.

«Esta actividade revolucionária seria impossível se o Partido aconselhasse os seus membros a desertar individualmente. Essas deserções individuais dos membros do Partido enfraqueceriam o movimento de resistência dos militares contra a guerra colonial e dificultaria o próprio movimento das deserções. Por isso o Partido desaprova as deserções individuais dos membros do Partido, os quais só poderão desertar quando estão em risco eminente de serem presos como consequência da sua acção revolucionária ou quando acompanham deserções colectivas, em cuja organização participaram.»

Todos compreendem hoje que se os comunistas e outros homens progressivos desertas-

(continua na 2.ª pag.)